

Os Abusos como Imposturas: uma introdução à crítica de Alan Sokal

André Moreira Fernandes Ferreira¹

Resumo

O presente artigo pretende abordar, de maneira introdutória, a concepção de crítica à filosofia “pós-moderna” na obra dos físicos teóricos Alan Sokal e Jean Bricmont. Por meio da análise do livro “*Imposturas Intelectuais*”, pretendemos esclarecer os conceitos de “abuso”, “impostura”, “pós-modernismo” e de “contextos acadêmicos”. Um dos principais objetivos deste artigo é desfazer alguns mal-entendidos envolvendo as leituras equivocadas do livro. Posteriormente, serão expostas algumas das “lições” aprendidas a partir da análise textual e crítica do livro. Portanto, o artigo pretende demonstrar a relevância da contribuição feita por Alan Sokal e Jean Bricmont aos meios acadêmicos em geral.

Palavras-chave: crítica à filosofia pós-moderna; farsa acadêmica; Alan Sokal; Jean Bricmont.

Abstract

The following article pretends to approach, in a introductory manner, the concept of critic to the "post-modern" philosophy in the work of the theoretical physicists Alan Sokal and Jean Bricmont. By analyzing the book "Intellectual Impostures", we intend to clarify the concepts of "abuse", "imposture", "post-modernism" and of "academic context". One of the main objectives of this article is to undo some misunderstandings involving the mistaken readings of the book. Posteriorly, it will be exposed some of the "lessons" learned throughout textual analysis and book critique. Therefore, the article intends to demonstrate the relevance of the contribution made by Alan Sokal and Jean Bricmont to the academic ways at large.

Keywords: critic to the post-modern philosophy; academic farce; Alan Sokal; Jean Bricmont.

1. Introdução

O presente artigo pretende abordar de maneira *introdutória* a concepção de crítica à filosofia “*pós-moderna*” na obra dos físicos teóricos Alan Sokal (1955-) e Jean Bricmont (1952-). Tomaremos como análise a obra “*Imposturas Intelectuais*” objetivando explicar o que esse autor compreendia por uma “*impostura*” intelectual e por um “*abuso*” terminológico. Este artigo possui uma abordagem introdutória pelo fato de Alan Sokal ser um autor pouco estudado entre os meios acadêmicos filosóficos. Por estar envolvido em uma polêmica muito séria, dificilmente esse autor é abordado de

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

uma forma *estritamente acadêmica*, sendo os poucos comentários feitos ao seu respeito apenas *especulativos*. Apesar de pouco conhecido, Alan Sokal foi responsável por um escândalo de repercussão internacional envolvendo uma *crítica* de natureza *analítica* aos filósofos que, genericamente, nas últimas décadas do século passado, eram denominados de “*pós-modernistas*” ou “*neo-estruturalistas*”. Para apresentar, introdutoriamente, a crítica analítica de Alan Sokal à “*pós-modernidade*”, faz-se necessária uma divisão temática que acompanhe a estrutura de sua obra. As “*Imposturas Intelectuais*” podem ser didaticamente expostas em quatro partes. Essas são: 1) em uma introdução contendo as principais motivações da publicação do livro, exibindo as *verdadeiras motivações* dos autores; 2) na análise exaustiva dos “abusos” de origem linguística; 3) em uma crítica ao que os autores classificaram como “relativismo radical epistemológico”; e 4) em uma exposição das “lições” aprendidas a partir da análise dos textos. Este artigo será dividido em quatro partes bem distintas, a saber: 1) em uma contextualização histórica do que ficou conhecido por “*affair Sokal*”; 2) em uma explicação da concepção de “*abuso*” presente na obra; 3) em ressaltar as respostas das “*possíveis objeções*” feitas aos autores, ou seja, ressaltar as tentativas fracassadas de *refutar* os *argumentos* dos autores do livro; e 4) em enumerar algumas das “lições” aprendidas por meio das análises do livro.

2. O “*affair Sokal*”: imposturas e repercussões

Nesta etapa do artigo nós pretendemos, primeiramente, contextualizar historicamente o leitor sobre o episódio conhecido nos atuais meios acadêmicos como “*affair Sokal*”. Além disso, pretendemos demonstrar que o tal episódio histórico foi uma das principais causas da publicação do livro “*Imposturas Intelectuais*”. Em um segundo momento, pretendemos comentar, *brevemente*, algumas das polêmicas envolvendo a publicação do livro, entre elas, uma suposta crítica sustentada por Jacques Derrida (1930-2004).

No ano de 1996, o professor de física teórica da Universidade de Nova York, Alan Sokal, decidiu publicar em uma renomada revista acadêmica norte-americana, a “*Social Text*”, um artigo denominado “*Transgredindo as Fronteiras: Em Direção a uma Hermenêutica Transformativa da Gravitação Quântica*”. Entretanto, o artigo elaborado pelo autor era uma paródia, uma crítica satírica, segundo ele, à escrita peculiar dos “filósofos pós-modernos”. Para a surpresa de Alan Sokal, a revista *Social Text* publicou

o artigo em uma edição especial. Após a sua publicação, Alan Sokal escreveu novamente à *Social Text* revelando que o seu primeiro artigo era, na realidade, uma *farsa* acadêmica pautada em equívocos cometidos pelos usos abusivos e arbitrários da linguagem. Entretanto, a revista acadêmica *Social Text* negou a publicação do segundo artigo contendo a sua “própria denúncia”, alegando que esse artigo não atendia aos padrões exigidos para a publicação. Sendo o seu segundo artigo recusado pela revista, Alan Sokal viu-se obrigado a publicá-lo em uma outra revista², tonando-se o escândalo internacional. Esse episódio ficou conhecido internacionalmente como “*affair Sokal*” e foi debatido nos mais variados e diversos meios de comunicação.

Após a revelação da *farsa* acadêmica, Alan Sokal juntou-se ao Físico Jean Bricmont (1952-) para a publicação do livro “*Imposturas Intelectuais*”, objetivando esclarecer as suas críticas, perspectivas e motivações ao escrever a paródia e, conseqüentemente, o livro. De acordo com Alan Sokal, muitos de seus críticos ou defensores mal-interpretaram os seus verdadeiros objetivos ao publicar a paródia. Portanto, de acordo com Alan Sokal, o livro é, na verdade, um esclarecimento das suas *reais* intenções e objetivos. Nas palavras de Sokal e Bricmont:

Em especial, queremos desfazer um bom número de mal-entendidos (...). O livro originou-se da *farsa* agora famosa que constituiu na publicação na revista americana de estudos culturais *Social Text*, por um de nós, de um artigo satírico cheio de citações sem sentido, porém infelizmente autênticas, sobre física e matemática, proferidas por proeminentes intelectuais franceses e americanos.³

De acordo com Sokal e Bricmont, o livro tem origem a partir da *farsa* acadêmica elaborada por Alan Sokal e possui como objetivo primordial o esclarecimento *linguístico* por meio da análise crítica e terminológica. O duplo objetivo do livro é simples: 1) demonstrar o *desleixo* (a *impostura*) de renomados filósofos, sociólogos e psicólogos (ou intelectuais em geral) em relação ao uso da *terminologia* técnica e acadêmica; e 2) criticar o que Sokal afirma ser um “*relativismo epistemológico*”, isso é, sustentar a tese de que a ciência moderna é um “mito”, uma “ficção” ou uma *mera* “construção linguística e social”. Apesar de aparentemente triviais, muitos de seus críticos foram *incapazes* de entender esses objetivos, que devemos ressaltar: foram escritos para o *entendimento* de um público *não-especializado*, conforme será abordado

2 Na revista Língua Franca.

3 SOKAL, 2006, p.9.

mais adiante. Em relação aos objetivos, Sokal e Bricmont afirmam:

Mas o que pretendemos exatamente? (...). Mostramos que intelectuais famosos como Lacan, Kristeva, Irigaray, Baudrillard e Deleuze abusaram repetidamente da terminologia e de conceitos científicos: tanto utilizando-se de ideias científicas totalmente fora de contexto, sem dar a menor justificativa (...), quanto atirando a esmo jargões científicos na cara de seus leitores não-cientistas, sem nenhum respeito pela sua relevância ou mesmo pelo seu sentido.⁴

O segundo alvo de nosso livro é o relativismo epistêmico, especificamente a ideia (...) de que a moderna ciência não é mais que um “mito”, uma “narração” ou uma “construção social”, entre muitas outras.⁵

Este livro, portanto, é a fusão de dois trabalhos – relacionado entre si – reunidos sob uma mesma capa. Primeiramente, trata-se de uma coleção de abusos extremos descobertos (...); são as “imposturas” do título. Em segundo lugar, contém a nossa crítica ao relativismo epistêmico (...).⁶

Após uma breve contextualização histórica e de uma delimitação dos objetivos dos autores, pretendemos agora apresentar as repercussões envolvidas na publicação do livro. Uma das polêmicas públicas mais controversas envolvendo o “affair Sokal” foi publicada pelo jornal “*Folha de São Paulo*”, em 19 de abril de 1998. Trata-se de uma suposta “crítica” feita pelo filósofo Jacques Derrida (1930-2004) ao livro de Alan Sokal. Em seu artigo denominado “*Descomposturas intelectuais*”, Derrida inicia a sua “argumentação” como se segue:

O “Le Monde” me pergunta qual comentário eu faria ao livro de Alan Sokal e Jean Bricmont “*Imposturas Intelectuais*”, presumindo que nele eu sou menos atacado do que outros pensadores. A minha resposta é: tudo isso é triste, não é mesmo? Primeiro, para o pobre Sokal. O seu nome está associado a um conto do vigário (“the Sokal’s hoax” _o embuste Sokal_, como se diz nos Estados Unidos) e não a trabalhos científicos. Triste também porque a oportunidade de uma reflexão séria parece desperdiçada, ao menos num espaço amplamente público, que merece melhor destino.⁷

Em um artigo que teria como finalidade uma crítica ao livro “*Imposturas*

4 Ibidem, p.10.

5 Idem.

6 Idem.

7 DERRIDA, J. *Descomposturas Intelectuais*: In: *Folha de São Paulo*, 19 de abril de 1998.

Intelectuais”, Derrida inicia a sua suposta “argumentação”, logo no primeiro parágrafo do texto, com uma falácia não-formal muito conhecida entre os lógicos e os matemáticos como “*argumentum ad hominem*” (ofensivo). Essa falácia caracteriza-se pelo desferimento de uma ofensa direta ao seu interlocutor na tentativa de atingir a sua credibilidade ou a sua imagem perante ao público presente. Isso não é um argumento válido. Isso nem se quer é um argumento, e muito menos uma crítica. Se Derrida pretende criticar o livro, esse deveria contra-argumentar o conteúdo da crítica feita por Sokal, e não o seu interlocutor. Alan Sokal, tendo conhecimento sobre a falácia, respondeu ao jornal “*Folha de São Paulo*” com o artigo “*Uma crítica sem fundamento*”. Nesse artigo, Sokal afirma:

Não é necessário responder às críticas de Jacques Derrida sobre nosso livro “*Imposturas Intelectuais*”, pois ele de modo algum as formula em seu artigo. Ele se contenta em nos lançar ao rosto expressões pejorativas “oportunidade de uma reflexão séria desperdiçada”, “não são sérios”, “cavaleiros mal-treinados”, “censores”, sem apontar um único erro em nosso livro ou criticar uma única de nossas análises. Aliás, desde a publicação do livro, assistimos à repetição do mesmo cenário: nossos detratores não formulam nenhuma crítica concreta; eles admitem implicitamente que aquilo que dizemos é verdadeiro, mas explicam que, por várias razões, não fica bem dizê-lo.⁸

O que é verdadeiramente *triste* é o fato de que importantes intelectuais e professores demonstram profunda dificuldade de compreender as principais teses da crítica feita por Alan Sokal. Isso principalmente porque o livro foi escrito em uma linguagem simples para um público *não-especializado*. Conforme Sokal afirma, em uma entrevista à “*Revista de Antropologia*” da Universidade de São Paulo:

Como físicos e matemáticos, tínhamos uma obrigação moral de tornar público o dossiê e explicar para o público não-científico do que se trata e porquê são graves abusos. Tenho que dizer honestamente que colocar as obras em suspeição é nosso propósito. Escrevemos o livro não somente para assinalar alguns abusos. Para dizer a verdade, suspeitamos que talvez no resto de suas obras existam outros problemas. Talvez não abusos da mesma gravidade, ou talvez sim. Talvez existam ideias interessantes, mas menos profundas do que se pensa.⁹

Não é somente o filósofo Jacques Derrida que comete equívocos

8 SOKAL, A. Uma crítica sem fundamentos. In: *Folha de São Paulo*, 19 de abril de 1998.

9 SOKAL, A. Entre a paródia e a denúncia: trajetos de dois físicos nos bosques das Humanidades. In: *Revista de Antropologia*, Universidade de São Paulo, vol. 41, n.1, 1998.

argumentativos. Poderemos citar também os nomes de Olavo de Carvalho (1947-), Bento Prado Júnior (1937-) e Roberto Campos (1917-2001) entre aqueles que, quando compreendem a crítica, são incapazes de argumentar *validamente* contra as investidas teóricas de Sokal. Alan Sokal chega até mesmo a desconfiar de que os seus críticos realmente leram o seu livro. Somente para citar um exemplo, em um artigo escrito para o jornal “*Folha de São Paulo*”, “*Imposturas e fantasias*”, Sokal dirige-se à Bento Prado Júnior da seguinte forma:

Já nos habituamos a ver nosso livro "Impostures Intellectuelles" ser debatido por pessoas que não o leram. Porém, é surpreendente que alguém que obviamente leu nosso livro _um professor de filosofia, aliás_ possa ter escrito uma longa resenha, em um jornal sério, na qual ignora quase tudo o que escrevemos no livro e ainda nos atribui coisas que não escrevemos (...).¹⁰

Em suma, estamos perplexos diante da reação a nosso livro. Quando inicialmente tomamos contato com os textos de Lacan, Deleuze e outros, ficamos chocados com seus abusos grosseiros, mas não sabíamos se valeria a pena gastar tempo para revelá-los. Esses autores ainda são levados a sério? Foram pessoas das ciências humanas que nos convenceram de que poderia valer a pena. Assim, esperávamos dar uma pequena contribuição a esses campos, acrescentando mais uma voz contra o aviltamento do pensamento pela proliferação de um jargão inútil e pretensioso.

Sabíamos, é claro, que seríamos duramente atacados pelos nossos alvos e seus discípulos. Mas uma coisa que não prevíamos era a hostilidade agressiva de algumas pessoas que não são, pelo visto, fãs dos autores criticados. Talvez nosso livro tenha estimulado "uma estratégia de defesa de território" por parte de pessoas que, como Prado, erroneamente o tomaram como um lance numa disputa territorial. Mas não escrevemos este livro para defender as ciências naturais das ameaças do pós-modernismo e do relativismo; esse perigo é quase inexistente. Também não se trata de um ataque à filosofia ou às ciências humanas em geral; muito pelo contrário, é um modesto esforço para apoiar nossos colegas nesses campos, que há tempos denunciam os efeitos perniciosos do jargão obscurantista e do relativismo visceral. As reações corporativistas contra nosso livro estão, pois, fora de lugar.

Obviamente, Prado e muitos outros não gostam de nosso livro. Mas por que razão? Sua crítica baseia-se inteiramente em suas próprias fantasias, não em uma leitura honesta daquilo que escrevemos. Uma vez eliminadas essas fantasias, seu artigo não contém um único argumento racional contra nossas teses. Talvez uma modesta manifestação de racionalismo provoque profundas reações

10 SOKAL, A; BRICMONT, J. Imposturas e fantasias. In: Folha de São Paulo, 13 de junho de 1998.

irracionalistas.¹¹

Em seu livro, Alan Sokal ressalta que a sua crítica é dirigida aos filósofos que sustentam *discursos obscuros* com *pretensões* acadêmicas; é antes de tudo uma crítica à “*mistificação da linguagem*”, e não uma crítica à nacionalidade francesa ou às ideologias políticas alheias, conforme os críticos citados acima sustentam. Conforme Sokal e Bricmont afirmam:

Obviamente, não escrevemos apenas para denunciar alguns abusos isolados. Temos objetivos mais amplos em mente, mas não necessariamente aqueles a nós atribuídos. Esta obra trata da mistificação, da linguagem deliberadamente obscura, dos pensamentos confusos e do emprego incorreto dos conceitos científicos. Os textos que citamos podem ser a ponta de um *iceberg*; contudo o *iceberg* deve ser definido como um conjunto de práticas intelectuais e não como um grupo social.¹²

Em relação às temáticas abordadas por seus críticos em debates especulativos e midiáticos, Sokal e Bricmont afirmam:

Os debates estimulados pela artimanha de Sokal englobavam uma lista cada vez mais ampla de questões cada vez mais fracamente relacionadas, não somente o *status* conceitual do conhecimento científico ou os méritos do pós-estruturalismo francês, mas também o papel social da ciência e a tecnologia, o multiculturalismo e o “politicamente correto”, a esquerda acadêmica *versus* a direita acadêmica, a esquerda cultural *versus* a esquerda econômica. Queremos salientar que este livro *não* trata da maioria destes tópicos. Em especial, as ideias aqui analisadas têm pouca, talvez nenhuma, relação conceitual ou lógica com a política.¹³

Apesar de interessantes e frutíferos, os debates devem ser melhor analisados em uma outra oportunidade, pois essa temática não é o objetivo central deste artigo. Esta parte do texto foi somente uma breve apresentação de cunho histórico para contextualizar o leitor da relação existente entre o “*affair Sokal*”, a publicação do livro e

11 Idem.

12 SOKAL, 2006, p.11.

13 Ibidem, p.12.

as suas consequentes polêmicas envolvendo os intelectuais citados. Iniciaremos a segunda parte deste artigo com as definições conceituais propriamente ditas.

3. Os “abusos” e “contextos”

Após explicar alguns mal-entendidos envolvendo as motivações e os objetivos do livro “*Imposturas Intelectuais*”, poderemos prosseguir expondo as definições de “abusos” feitas por Alan Sokal. Antes de nós definirmos o que Sokal entende por um “abuso”, devemos ter consciência de duas constatações que os seus críticos insistentemente não entenderam: 1) de que um *trabalho acadêmico* deve pressupor uma linguagem argumentativa lógica, precisa e compreensível e 2) de que *alguns* trabalhos de renomados professores e intelectuais que *erguem para si pretensões acadêmicas* não acatam a esse pré-requisito.

No primeiro parágrafo da introdução do livro, Alan Sokal define o que compreende por “filosofia pós-moderna”. Essa definição pode ser assim enunciada:

Vastos setores das ciências sociais e das humanidades parecem ter adotado uma filosofia que chamaremos, à falta de melhor termo, de “pós-modernismo”: uma corrente intelectual caracterizada pela rejeição mais ou menos explícita da tradição racionalista do Iluminismo, por discursos teóricos desconectados de qualquer teste empírico, e por um relativismo cognitivo e cultural que encara a ciência como nada mais que uma “narração”, um “mito” ou uma construção social entre muitas outras.¹⁴

É digno de nota que apesar dessa definição de “pós-modernismo”, a crítica de Alan Sokal estende-se ao filósofo fenomenólogo Merleau-Ponty (1908-1961) e ao filósofo Henri Bergson (1859-1941). Isso demonstra que o objetivo do livro é uma crítica ao obscurantismo terminológico em geral (incluindo o pós-modernismo), e não uma crítica exclusiva à franceses pós-modernistas. Devemos ressaltar que a definição de “pós-modernismo”, à “falta de melhor termo”, não invalida a crítica de Sokal. A ausência de uma *definição* não anula o *fato* de que alguns intelectuais sejam claramente desleixados em relação ao uso da lógica.

Alan Sokal define a concepção de “abuso” como sendo uma ou mais das cinco características que se seguem:

14 Ibidem, p.15.

Para ser preciso, a palavra abuso denota aqui uma ou mais das seguintes características:

1. Falar abundantemente de teorias científicas sobre as quais se tem, na melhor das hipóteses, uma ideia extremamente confusa. (...)
2. Importar conceitos próprios das ciências naturais para o interior das ciências sociais ou humanidades, sem dar a menor justificação conceitual ou empírica. (...)
3. Ostentar uma erudição superficial ao atirar na cara do leitor, aqui e ali, descaradamente, termos técnicos num contexto em que eles são totalmente irrelevantes. (...)
4. Manipular frases e sentenças que são, na verdade, carentes de sentido.¹⁵

As quatro definições de “abuso” fornecidas por Alan Sokal estão de completo acordo, e em completa coerência, com os pré-requisitos exigidos para a realização de qualquer trabalho que objetiva a finalidade acadêmica. Sobre todas as definições de abuso, é evidente que se todos os filósofos criticados encontravam-se em pleno exercício *profissional*, enquanto cometiam os abusos, então as críticas dirigidas à Sokal não fazem o menor sentido. Algum objetor perspicaz poderia argumentar: “mas uma questão filosófica não é uma questão científica, o livro de Sokal critica textos exclusivamente filosóficos em contextos científicos fornecidos pelo autor, onde os significados dos termos possuem sentidos radicalmente diferentes”. Responderíamos da seguinte forma: “a questão sobre as diferenças entre o que é filosofia e o que é ciência não é pertinente, na medida em que *ambas* as disciplinas estão enquadradas na categoria de *produção acadêmica*”. Lembremos-nos, por exemplo, de que a obra “*Diferença e Repetição*”, de Gilles Deleuze (1995-1995), é uma *tese de doutorado*. Essa obra foi, ou deveria ter sido, avaliada rigidamente por uma banca de especialistas. Essa obra explora conceitos muito complexos em cálculo diferencial e integral sem o menor rigor terminológico e em uma linguagem bastante confusa, conforme é ressaltado por Alan Sokal. Gilles Deleuze estava em pleno exercício profissional quando defendeu a sua tese e, portanto, esse autor possuía finalidades objetivas de “produção acadêmico-científica”. Não podemos sustentar a diferença entre “contextos científicos” e “contextos filosóficos” enquanto *ambos* os contextos estão enquadrados na categoria de uma linguagem especificamente institucional e acadêmica. Por mais que as atividades, as questões de análise e as abordagens sejam diferentes, a *instituição universitária* é a mesma. Isso significa que: as *regras* de clareza, coerência e lógica de encadeamento

15 Ibidem, p.18-19.

argumentativo possuem padrões *objetivos de uso público*, ou seja, ao se utilizar uma linguagem, estamos *seguindo regras*. A prática linguística pressupõe a utilização de *regras*.

Um exemplo de confusão contextual, conforme foi exposto no parágrafo anterior, pode ser ilustrado em um texto do professor Leandro Pinheiro Chevitarese. Esse texto denomina-se “A ‘Resposta’ que Derrida não concedeu a Sokal: a desconstrução do conceito de contexto”. Segundo Chevitarese:

Considero fundamental destacar, dentre todas, a segunda objeção que poderia ser levantada contra Sokal e Bricmont, que me parece central na estrutura de todo o livro: “vocês não entenderam o contexto”. (Esta é apenas uma pista, pois a objeção, na verdade, está mal formulada. Melhor seria dizer: “vocês não entenderam o que significa a noção de contexto.”) Diante de tal crítica, os autores responderiam: “quando conceitos da matemática e da física são trazidas para outra área de conhecimento, algum argumento deve ser fornecido para justificar a sua pertinência.”. Parece claro que a exigência aqui é um argumento *científico*, pois de que adiantaria um argumento sociológico ou filosófico, por mais elaborado que fosse, se ele mesmo já seria tomado como *descontextualizado* perante conceitos matemáticos, p.ex? Neste caso os conceitos já estariam, em todas as situações possíveis, totalmente fechados em si mesmos, e a transposição de conceitos para outras áreas de conhecimento seria, sempre, impertinente. Teríamos que pressupor também, em defesa do uso “pertinente” dos conceitos, que o contexto de leitura de cada um desses textos de uma mesma área é sempre o mesmo – mais do que isso: que o significado dos conceitos é rigorosamente o mesmo.¹⁶

Chevitarese representa um progresso argumentativo em relação à Derrida. Foi capaz de apresentar uma crítica à concepção de “contexto”, e não uma falácia não-formal. É um bom começo. Porém, Chevitarese insiste em atribuir à Alan Sokal uma distinção entre “argumento científico”, “argumento sociológico” e “argumento filosófico”. Insiste em um relativismo argumentativo onde cada ciência “fala em seu próprio idioma e para suas próprias justificativas”, como se Alan Sokal sustentasse que cada ciência fosse uma espécie de “feudo linguístico”. Antes de tudo, a exigência de Sokal é *linguística*, e não “científica”. O que Sokal exige é que se apresentem argumentos *acadêmicos* de acordo com o funcionamento da linguagem. As críticas de Sokal não se referem ao *contexto* dos argumentos entre as ciências naturais/matemáticas e a filosofia ou sociologia, mas a *ausência desse contexto* argumentativo por mistificações filosóficas a partir da utilização errônea da linguagem. O que Sokal está

16 CHEVITARESE, 2002, p.6-7.

exigindo é *trivial*: a utilização da linguagem é um pré-requisito acadêmico. O que Alan Sokal constatou é o problema de que alguns renomados acadêmicos não utilizam, corretamente, a linguagem em contextos acadêmicos em geral.

Quanto a frase “os conceitos já estariam, em todas as situações possíveis totalmente fechados em si mesmos (...)”: ela é ininteligível no escopo do texto. Em nosso cotidiano, por exemplo, nós podemos: “*fechar* uma porta”, “*fechar* uma gaveta” ou “*fechar* uma janela”. Podemos “fechar” muitas outras coisas. Ao utilizar o termo “fechado” sempre pressupomos o “algo” a ser fechado, por exemplo, uma porta pode fechar um quarto, uma sala, uma cozinha ou um banheiro. Não entendo como uma porta pode ser “fechada em si mesma” ou como ela pode “fechar a si mesma”. Se não existisse uma sala, por exemplo, talvez uma porta fosse apenas uma madeira, ou outra coisa, ou nenhuma das duas coisas. Somente em ocasiões muito especiais alguém entenderia uma pergunta feita, repentinamente, como: “O que os conceitos fecham?”.

Quanto a afirmação de que “o significado dos conceitos é rigorosamente o mesmo”: suponhamos que uma pessoa “x” esteja defendendo uma tese perante uma banca formada por doutores de uma importante universidade. Suponhamos também que “x” esteja defendendo em sua tese que a concepção política de Aristóteles era essencialmente naturalista. Repentinamente, “x” afirma, exatamente na última linha de sua tese, que a política em Aristóteles é uma “vassoura-duodeno”. Não somente afirma que a política é uma “vassoura-duodeno”, como também não explica como ocorreu a “dedução” do termo “naturalismo” para o termo “vassoura-duodeno”. Aparentemente, é absolutamente normal pressupor que, pelo menos ao se defender uma tese universitária, os significados dos conceitos permaneçam os mesmos, caso contrário, o que ocorreria? Ora, uma argumentação sobre “algo”, em contextos acadêmicos, pressupõe uma linguagem estabelecida e, portanto, o significado “daquilo” que se está argumentando, caso contrário, estaríamos sempre argumentando sobre coisas diferentes, e isso sim, não teria o menor cabimento. No exemplo acima, a pessoa “x” não forneceu nem uma definição e nem uma explicação para a utilização do termo. Em fim: um argumento pressupõe aquilo que está sendo argumentado, isso é uma questão lógica.

Um dos erros da leitura de Chevitarese consiste em: confundir a *relação entre contextos* com a *ausência de contexto*. Sokal não critica a relação de contexto argumentativo interdisciplinar, o que ele critica é exatamente a *ausência* desse contexto a partir dos equívocos de uma utilização incorreta da linguagem. É claramente o *oposto* da leitura de Chevitarese. Além disso, existe um outro equívoco na leitura de

Chevitarese. Esse equívoco consiste em atribuir à Alan Sokal a defesa e/ou uso de uma expressão obscura que em nenhum momento Sokal faz uso, a saber, a expressão de “contexto absolutamente determinado”. Nas palavras de Chevitarese:

Em seu artigo intitulado “Assinatura acontecimento contexto”, Derrida formula a questão: “existirá um conceito rigoroso e científico de *contexto*? Não abrigará a noção de contexto, por trás de uma certa confusão, pressuposições filosóficas muito determinadas?”. O propósito de Derrida é, então, mostrar a inconsistência teórica do que geralmente denominamos “contexto”, aplicado a diversos campos de investigação acadêmica, do mesmo modo que pretende evidenciar que o conceito de “escrita” não pode ser tomado sob categoria de “transmissão de sentido”. Com isso, propõem-se a “demonstrar porque é que **um contexto nunca é absolutamente determinável**”.¹⁷

No texto de Chevitarese, tal termo não possui nem uma definição, e o mais espantoso, nem mesmo nas citações que ele faz de Derrida. Fala-se apenas em demonstrar que “não existem contextos absolutamente determináveis” por meio da concepção de “desconstrução”, mas *do que* se trata de um “contexto *absolutamente determinável*” e de *quando* Sokal faz *uso* do termo ou *defende a utilização* do termo, não é mencionado. Essa crítica é equivocada e a “reposta” não faz sentido. O que Sokal critica é o uso equivocado da linguagem. Alan Sokal foi bem preciso em suas críticas, citou cada um dos autores e os corrigiu em seus equívocos. Em nenhum momento Sokal defendeu um “contexto absolutamente determinável”, somente criticou os errôneos usos particulares da cada autor por meio da citação de seus textos abusivos. Em nenhum momento de seu texto Chevitarese denotou um único erro nas correções que Alan Sokal fez aos intelectuais criticados em seu livro.

Por último, devemos nos atentar ao que Derrida formula como questão primordial, pelo menos, na citação feita por Chevitarese. Observemos bem a questão: “existirá um conceito rigoroso e científico de *contexto*?”. A questão formulada por Derrida referia-se à possibilidade da existência de uma espécie de “ciência do contexto”, e não sobre a existência do “contexto de ciência”. A crítica ao essencialismo contextual, aparentemente, por parte da filosofia derridiana, consiste em negar um “ponto arquimediano” que encontrar-se-ia “para além de todo contexto em particular”. O que Derrida *parece* defender, se esse for o caso, é que não podemos fazer uma “ciência do *contexto em geral*”, isso porque, para se abordar um “contexto em geral” deveríamos argumentar “além de todo contexto”, o que é um contrassenso linguístico.

17 Ibidem, p.11.

Portanto, se partirmos dessa interpretação, a leitura de Chevitarese confunde uma crítica ao essencialismo da “ciência do contexto em geral” com uma crítica ao “contexto de ciência”. Como o texto de Chevitarese parte dessa leitura confusa da questão formulada por Derrida, a sua crítica não tem sentido. Isso porque Jacques Derrida critica uma “ciência do contexto”, e não o “contexto de ciência”. Note-se bem, essa é uma das possíveis leituras dessa pergunta. A questão elaborada por Derrida é muito ambígua, pelo menos, quando exposta dessa maneira.

Após ter explicado a concepção de “abuso” defendida por Alan Sokal e de melhor esclarecer a questão contextual envolvendo as ciências e a filosofia, passemos para a próxima parte do artigo. Nas próximas reflexões, serão expostas as possíveis objeções levantadas contra Alan Sokal e as suas respectivas refutações, todas discutidas pelo autor.

4. Objeções e refutação

Nesta terceira parte do artigo trataremos das possíveis objeções (levantadas pelo próprio Sokal) às suas próprias teses e críticas. Ainda no escopo da introdução, nas primeiras páginas do livro, Alan Sokal levanta dez possíveis objeções que eventualmente podem ocorrer aos leitores durante a leitura do livro *“Imposturas Intelectuais”*. Cada uma das críticas serão apresentadas e comentadas exatamente na ordem seguida pelo autor do livro.

A primeira objeção faz referência ao caráter marginal das citações feitas por Sokal. De acordo com esse tipo de concepção, conforme Sokal e Bricmont expõe:

Poder-se-ia argumentar que nós procuramos pequenos deslizes de autores que reconhecidamente não tem formação científica e que talvez tenha cometido um erro de se aventurar em terreno pouco familiar, mas cuja contribuição à filosofia e/ou às ciências sociais é importante e não está, de maneira alguma, invalidada pelos “pequenos equívocos” aqui revelados.¹⁸

Primeiramente, Sokal ressalta que os equívocos cometidos pelos autores criticados estão muito longe de serem “pequenos”. De acordo com Sokal, esses autores “demonstram uma profunda indiferença, se não desdém, pelos fatos e pela lógica”¹⁹,

18 SOKAL, 2006, p.20.

19 Idem.

porém, ele relembra que o objetivo não é “ridicularizar críticos literários que cometem enganos ao citar a relatividade ou o teorema de Gödel”²⁰, mas de “defender os cânones da racionalidade e da honestidade intelectual que são (ou deveriam ser) comuns a todas as disciplinas eruditas”²¹. Conforme vimos na discussão anterior, na segunda parte deste artigo, umas das principais teses de Sokal é: argumentar *logicamente* é um pré-requisito para *todas* as disciplinas acadêmicas. Quanto ao fato desses abusos invalidarem a totalidade da obra dos autores criticados, nada pode-se dizer. Em nenhum momento Sokal invalida a competência geral dos autores citados. O que Alan Sokal ressalta é que devemos ter uma postura analítica e crítica em relação ao resto da obra desses autores. Quem pode cometer um abuso, pode cometer outro. A tese de Sokal é trivial: devemos estudar os autores e analisar as suas obras. Analisar a obra de um autor faz parte de uma atividade acadêmica, assim como utilizar a linguagem.

A segunda objeção faz referência ao “contexto” da utilização dos termos. Um objeto poderia sustentar que os autores, Sokal e Bricmont, simplesmente não entenderam o contexto de uso dos termos. Essa objeção foi tratada na segunda parte deste artigo e exemplificada com a leitura feita pelo professor Chevitarese da obra de Derrida.

A terceira objeção diz respeito à licença poética. Poder-se-ia argumentar que os autores criticados estavam fazendo uso de uma “linguagem mágica e poética” ou de uma “linguagem subjetiva, profunda e artística”. Evidentemente, uma poesia não é uma dissertação de mestrado. Existem diferenças entre uma poesia e um estudo acadêmico sobre a poesia. O que Sokal critica, ressaltamos novamente, é o usos abusivo em contextos acadêmicos. Todos os autores citados por Sokal estava em “exercício profissional” ao cometerem os abusos. Por exemplo, em nenhuma parte do livro é feita uma citação de Deleuze compondo músicas para seus familiares em uma lanchonete.

A quarta objeção remete-se aos usos metafóricos da linguagem. Alguém poderia sustentar que esses autores utilizam a terminologia matemática e física apenas como uma metáfora. Nesse ponto, Alan Sokal novamente refere-se à questão da linguagem:

Uma metáfora é usualmente empregada para esclarecer um conceito pouco familiar relacionando-o com outro conceito mais familiar. Suponhamos, por exemplo, que num seminário de física teórica tentássemos explicar um conceito extremamente técnico de teoria quântica de campos comparando-o ao conceito de aporia na teoria

20 Ibidem, p.20-21.

21 Ibidem, p.21.

literária de Derrida. Nosso público de físicos se perguntaria, com razão, qual objetivo de tal metáfora – se é ou não pertinente – a não ser simplesmente exibir nossa própria erudição.²²

O uso de metáforas está relacionado com a finalidade de esclarecimento conceitual. Entretanto, o professor Chevitarese interroga-se constantemente:

Mas toda metáfora tem que possuir uma função pragmática no discurso? É isso que determina a sua pertinência? Estariam as metáforas aprisionadas a critérios de eficiência e desempenho?²³

Pode-se dizer que sim. Em contextos acadêmico-científicos as metáforas são utilizadas para atender a finalidade de esclarecimento argumentativo. Se no exemplo fornecido por Sokal esse desempenho pragmático não é satisfeito, então a metáfora não foi feliz em sua aplicação. Nesse ponto ela relaciona-se com a quinta objeção: a utilização de analogias. Tanto as analogias quanto as metáforas possuem, em contextos acadêmico-científicos, por exemplo, na situação exemplificada por Sokal, a finalidade de esclarecimento. Se ela não atente a essa finalidade não faz sentido enunciá-la. Se essas analogias ou metáforas não acatam os critérios de eficiência e de desempenho, então essas são irrelevantes ou possíveis causas de mal-entendidos. Se no contexto exemplificado por Sokal ocorrerem mal-entendidos, então esses devem ser esclarecidos. Se as analogias ou metáforas forem irrelevantes ao contexto, então elas não fazem parte da argumentação acadêmica, porque afinal de contas: “Aqui gostaria de dizer: a roda que se pode mover, sem que nada mais se mova, não pertence à máquina”²⁴.

A sexta objeção faz referência à competência. Essas objeções tentam argumentar, de acordo com Sokal, da seguinte forma:

Vocês desejam impedir os filósofos de falar sobre ciência porque eles não têm a formação requerida; mas que qualificações têm vocês para falar de filosofia?²⁵

Essa argumentação remete-nos diretamente a conhecida falácia não-formal de “*argumentum ad Verecundian*” (apelo à autoridade). Essa falácia consiste na tentativa de se validar um argumento respaldando-se na autoridade do argumentador, e não no

22 Ibidem, p.24.

23 CHEVITARESE, 2002, p.6.

24 WITTGENSTEIN, 1975, §271.

25 SOKAL, 2006, p.25.

conteúdo da argumentação. A questão aqui é: não importa *quem* cometeu os abusos, mas sim os conteúdos dos discursos abusivos. E lembremos-nos: a distinção entre filosofia e ciência não é pertinente porque, conforme já foi ressaltado anteriormente, trata-se especificamente de abusos em *contextos acadêmicos*, trata-se de “defender os cânones da racionalidade e da honestidade intelectual que são (ou deveriam ser) comuns a todas as disciplinas eruditas”.

A sétima objeção poderia ser enunciada como: “*Vocês também não se apoiam no argumento da autoridade?*”²⁶. A resposta é: não. Nas palavras de Sokal e Bricmont:

Antes de mais nada, tentamos, rigorosamente, fornecer explicações detalhadas dos conhecimentos científicos, de sorte que o leitor não-especialista possa avaliar *por que* determinada asserção é errônea ou sem sentido.²⁷

Basta que o leitor se encarregue de analisar o conteúdo dos argumentos, ninguém precisa examinar a carreira acadêmica de Alan Sokal para entender os seus argumentos. Novamente: não devemos confundir o argumentador com os seus argumentos.

A oitava objeção consiste em atacar a definição que Alan Sokal fornece de “autores pós-modernistas”. A definição de Alan Sokal é bem ampla, mas isso não é pertinente ao caso. Sokal foi bem preciso em sua crítica aos autores citados por ele. Ele dedicou capítulos específicos aos autores: Jacques Lacan (1901-1981), Julia Kristeva (1941-), Luce Irigaray (1930-), Bruno Latour (1947-), Jean Baudrillard (1929-2007), Gilles Deleuze, Félix Guattari (1930-1992) e Paul Virilio (1932-). Desferiu críticas e comentários aos filósofos: David Hume (1711-1776), Henri Bergson (1859-1941), Merleau-Ponty (1908-1961), Thomas Kuhn (1922-1996) e Karl Popper (1902-1994). Em nenhum momento a crítica de Sokal restringiu-se aos filósofos franceses ou aos pós-modernistas. A ampla definição do termo “pós-modernismo” não invalida a crítica de Sokal. E somente para deixar os leitores cientes: Alan Sokal não dedicou sequer um único capítulo do livro ao filósofo Jacques Derrida, as polêmicas restringiram-se somente aos meios midiáticos.

A nona objeção pode ser formulada a partir da seguinte pergunta: “*Por que vocês criticam esses autores e não outros?*”²⁸. Devemos observar que o simples fato de que

26 Ibidem, p.26.

27 Idem.

28 Ibidem, p.27.

um outro autor possa ter, eventualmente, cometido exatamente os mesmos abusos, não desfaz o erro dos autores criticados. Nas palavras de Sokal e Bricmont:

Começemos observando que esta pergunta é irrelevante para a validade ou não dos nossos argumentos; na melhor das hipóteses pode ser usada para lançar calúnias sobre as nossas intenções. Suponha que existam outros abusos tão ruins como os de Lacan ou Deleuze; como esse fato poderia legitimar esses autores?²⁹

A décima e última possível objeção levantada é a seguinte: “*Por que vocês escrevem um livro sobre isso e não sobre temas mais sérios?. É o pós-modernismo um perigo tão grande à civilização?*”³⁰. Quanto a pergunta, Sokal e Bricmont respondem:

Antes de mais nada essa é uma pergunta estranha. Suponha-se que alguém descubra documentos relevantes para história de Napoleão Bonaparte e escreva um livro sobre eles. Alguém perguntaria se ele considera este tema mais importante que a Segunda Guerra Mundial? (...). É claro que não achamos que o pós-modernismo seja um grande perigo para a civilização. (...) Nossa finalidade aqui é, muito simplesmente, denunciar a desonestidade e a impostura intelectuais, venha de onde vier.³¹

O que Sokal e Bricmont pretendem é demonstra que alguns textos “profundos e difíceis” estão sustentados sob os equívocos da má-compreensão da lógica de nossa linguagem. Em seguida, Sokal expõe o plano do livro e o seu objetivo:

A maior parte deste livro consiste na análise, autor por autor. Para comodidade dos leitores não-especialistas, fornecemos, em notas de rodapé, breves explicações dos conceitos científicos relevantes, bem como referências a bons textos de popularização científica.³²

Após a apresentação das possíveis objeções feitas à Sokal e de ter explicado o porque dessas refutação não serem válidas, analisaremos agora, na última parte deste artigo, algumas das lições propostas pelo autor do livro “*Imposturas Intelectuais*”.

5. Notas sobre as “lições” aprendidas

29 Idem.

30 Ibidem, p.28.

31 Ibidem, p.28-29.

32 Idem.

Nesta última etapa do artigo, pretendemos expor algumas das lições que, de acordo com Alan Sokal, podemos extrair por meio de textos analisados e criticados. As “lições”, muitas vezes tomadas como triviais, são ignoradas por proeminentes intelectuais com anos de experiência profissional. Todas essas lições são, na realidade, nada mais nada menos do que pressupostos indispensáveis para uma produção acadêmica. Enunciaremos as supostas lições aprendidas e, em seguida, explicaremos alguns aspectos positivos enquanto ganho teórico.

A primeira lição aprendida pode ser exposta da seguinte forma: “*É uma boa ideia saber do que se está falando*”³³. Alan Sokal afirma que antes de escrevermos um trabalho acadêmico, devemos estar informados sobre o assunto tratado. Nenhum filósofo é obrigado a discursar sobre a lógica formal, sobre a física ou a matemática. Alan Sokal afirma explicitamente em seu livro que:

Obviamente, é lícito refletir filosoficamente sobre o conteúdo das ciências naturais. (...) Mas, para falar de assuntos de forma sensata, é preciso compreender as teorias científicas relevantes em nível bastante profundo e inevitavelmente técnico.³⁴

A segunda lição aprendida é que: “*Nem tudo que é obscuro é necessariamente profundo*”³⁵. Sokal sustenta uma diferença entre o texto tecnicamente difícil, no que diz respeito ao conteúdo tratado, de um texto “cuja a vacuidade ou banalidade é cuidadosamente escolhida atrás de uma prosa deliberadamente obscura”³⁶. No caso de um texto tecnicamente difícil, conforme ressaltado pelo autor, é cabível uma explicação em termos mais familiares e simples. Já no segundo caso, Alan Sokal afirma que: “Em contrapartida, alguns textos obscuros dão a impressão de exigir do leitor que dê salto qualitativo, ou que passe por uma experiência semelhante a uma revelação, a fim de compreendê-los”³⁷. Sokal pretende afirmar com isso que devemos analisar criticamente o conteúdo do texto, explorando os significados dos termos utilizados.

A terceira lição pode ser enunciada da seguinte forma: “*A ciência não é um texto*”³⁸. Alan Sokal pretende ressaltar que um texto científico não é uma “produção

33 Ibidem, p.204.

34 Idem.

35 Idem.

36 Idem.

37 Ibidem, p.205.

38 Idem.

literária”. Existem diferenças entre as obras literárias e os estudos acadêmicos produzidos sobre esses livros literários. Em outros termos: existem diferenças entre a utilização da terminologia científica para produção literária e a sua utilização objetivando uma escrita em contextos acadêmicos. Não há dúvidas que no conjunto das atividades ditas “acadêmicas” pode-se encontrar a produção de textos. Entretanto, a atividade acadêmica não é, ela mesma, um texto.

A quarta lição apresentada por Alan Sokal é a de que não devemos “macaquear as ciências naturais”. De acordo com Sokal, as ciências sociais ou humanas possuem seus próprios métodos e os seus próprios problemas. Não há nenhuma “mudança de paradigma” nas ciências exatas ou naturais que implique, necessariamente, em reformulações teórica nas ciências humanas ou sociais. Nas palavras de Sokal:

Alem do mais, existem tantos fenômenos, mesmo na física, que são imperfeitamente compreendidos, pelo menos por enquanto, que não há razões para tentar imitar as ciências naturais quando se trata de problemas humanos tão complexos.³⁹

A quinta lição aprendida com as análises textuais é a de que devemos nos precaver contra o argumento da autoridade. Obviamente, não devemos cometer a falácia de “*argumentum ad Verecundian*”, ou seja, o apelo à autoridade. Devemos atentar-nos sempre ao conteúdo do proferimento argumentativo, e não na autoridade acadêmica do interlocutor que o profere.

A sexta lição atenta-nos ao fato de que o ceticismo específico não deve ser confundido com o ceticismo radical. O ceticismo específico, segundo o autor, consiste em levantar objeções aos casos particulares de uma determinada teoria pautando-se em argumentos lógicos. O ceticismo radical, por outro lado, pretende criticar a objetividade “dos fundamentos últimos da experiência”. Alan Sokal lembra ao leitor de que os acadêmicos frequentemente discordam entre si em relação aos *resultados* de uma conclusão, e não em relação ao “ponto de partida”, ou seja, não discordam de que o “conhecimento objetivo torna-se possível por meio da experiência”. O ceticismo radical partiria de uma concepção equivocada da legitimidade indagativa.

A sétima lição apresentada por Sokal é enunciada como sendo a “*Ambiguidade como subterfúgio*”⁴⁰. Sokal defende com isso que os textos criticados por ele possuem duas possíveis interpretações. Na primeira interpretação: “como uma afirmação que é

39 Ibidem, p.206.

40 Ibidem, p.208.



verdadeira mas relativamente banal”⁴¹. Na segunda interpretação possível: “como uma afirmação que é radical porém manifestamente falsa”⁴². Essas ambiguidades, sustenta o autor, podem ser úteis em debates intelectuais, já que os autores criticados sempre argumentarão que foram mal-interpretados.

Nesta última parte do artigo, nós apresentamos algumas das lições que, de acordo com Sokal, são imprescindíveis para a realização de qualquer atividade acadêmica. Muitos professores veriam as observações de Alan Sokal como mera trivialidades ou redundâncias. Entretanto, a sua crítica foi feita para a elucidação de alguns equívocos cometidos por profissionais prestigiado academicamente. O principal ganho teórico foi ressaltar que até mesmo os trabalhos de renomados intelectuais devem ser lidos mais atentamente e com uma postura mais crítica. Por esse motivo, a contribuição da obra de Alan Sokal e Jean Bricmont possuem um valor acadêmico inestimável.

6. Conclusão

Podemos concluir que, por meio das concepção expostas, apesar das críticas de Alan Sokal serem de uma natureza bem simples, nem sempre foram compreendidas por seus interlocutores. O objetivo primordial de Alan Sokal era ressaltar a importância acadêmica da adoção de uma postura crítica em relação ao conteúdo dos textos estudados. O seu objetivo era afirmar a importância indispensável do uso da lógica e da argumentação em meios acadêmicos. Todo trabalho que erga para si pretensões acadêmicas pressupõe a utilização da linguagem e, por consequência, a compreensão mútua de seus interlocutores. Podemos ressaltar que a mais importante lição aprendida com o “affair Sokal” foi a de que a linguagem não é uma “propriedade privada”. Podemos concluir, portanto, que a linguagem pressupõe uma certa regularidade de critérios para a significação pública.

7. Bibliografia

ABRAMO, Cláudio Weber. *O telhado de vidro do relativismo*. In: Folha de São Paulo, 15 de setembro de 1996. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de

41 Idem.

42 Idem.

2012.

ASSIS, Jesus de Paula. *As razões do relativismo civilizado*. In: Folha de São Paulo, 6 de outubro de 1996. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

CAMPOS, Roberto. *A brincadeira de Sokal...*. In: Folha de São Paulo, 22 de setembro de 1996. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

CARVALHO, Olavo de. *Sokal parodista de si mesmo*. In: Folha de São Paulo, 21 de outubro de 1996. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

CHEVITARESE, Leandro. *A 'resposta' que Derrida não concedeu a Sokal: a desconstrução do conceito de contexto*. In: DUQUE-ESTRADA, P. C. (org.): *Às Margens: a propósito de Derrida*. São Paulo: Loyola. Disponível em: <http://www.saude.inf.br/artigos/derridasokal.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Trad. por Joaquim Torres Costa & Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papyrus, 1991.

_____. *Descomposturas intelectuais*. Trad. por José Marcos Macedo. In: Folha de São Paulo, 19 de abril de 1998. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

FERNÁNDEZ, Roberto. *O rei está nu*. In: Folha de São Paulo, 11 de abril de 1998. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

JÚNIOR, Bento Prado. *Quinze minutos de notoriedade*. In: Folha de São Paulo, 9 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

SILVA, Jairo José da. *Imposturas intelectuais: algumas reflexões*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v6n1/v6n1a05.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. *Imposturas Intelectuais*. Trad. por Max Altman. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Uma crítica sem fundamento*. Trad. por José Marcos Macedo. In: Folha de São Paulo, 9 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

SOKAL, Alan. *A Razão não é Propriedade Privada*. In: Folha de São São Paulo, 6 de outubro de 1996. Disponível em: <http://www.physics.nyu.edu/sokal/folha.html#derrida>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

_____. *Entre a paródia e a denúncia: trajetos de dois físicos nos bosques das humanidades*. In: Revista de Antropologia, Universidade de São Paulo, Vol. 41, 1998, págs. 215-233. Disponível em: http://www.physics.nyu.edu/faculty/sokal/entrevista_USP.html. Acesso em: 23 de fevereiro de 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas (Os Pensadores)*. Trad. por Carlos Bruni. São Paulo: Abril, 1975.